

## A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NORDESTINA NO CONTO “O TEMPO EM QUE D. EULÁLIA FOI FELIZ”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Mariana Nunes Ribeiro de Farias<sup>1</sup>

**Resumo:** A preocupação com os menos favorecidos, a denúncia social, a política de cunho coronelista e principalmente a figura da mulher nordestina em meio a essa confusão são fatores marcantes nos contos de *Vasto Mundo*, de Maria Valéria Rezende. Nosso trabalho tem como foco principal analisar a figura da mulher nordestina no conto ‘O tempo em que Dona Eulália foi feliz’ a partir dos aspectos referentes à relação dicotômica submissão/autonomia feminina, muito presentes em Dona Eulália, a personagem principal do conto. Através de uma linguagem simples e literária, nos deparamos com uma tênue articulação entre realidade e ficção, capaz de desenvolver em nós suscitações acerca do nosso espaço e cultura nordestina. Como respaldo teórico, nos apoiamos em ZINANI (2006), TOURAINE (2006) e BUTLER(2010) para análise de alguns aspectos referentes à construção da mulher de si e por si.

Palavras-chave: Mulher. Identidade. Nordeste. Leitura literária.

“Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.(...)”

(Adélia Prado)

### Introdução

Sabe-se que a história social de emancipação feminina foi e ainda é marcada por obstáculos diversos. No que concerne à nossa cultura, a mulher ainda é alvo de muitos preconceitos sempre relacionados à sua condição em comparação ao homem. Diante disso, o objetivo primeiro deste trabalho visa uma análise de como se dá a representação da mulher nordestina em “O tempo em que Dona Eulália foi feliz”, observando aspectos referentes à construção do eu feminino numa perspectiva regionalista.

Pretendemos analisar como a linguagem literária contribui para essa representação, à medida que corrobora para compreensão de elementos peculiares à cultura nordestina, em especial, a cultura da Paraíba. Isso só é possível ao pensarmos que o sermulher compreende também a dimensão histórica de como se constitui tal referência através de aspectos que permeiam a narrativa em análise.

A escolha do tema poderia ter-se enveredado por outro percurso, haja vista que os contos de Rezende são ricos pela temática engajada como a denúncia político-social, a

---

<sup>1</sup>Aluna concluinte do curso de Letras- habilitação em Língua Vernácula- Universidade Federal de Campina Grande, PB.

denúncia da condição marginalizada da criança, imposta pela sociedade nordestina, entre outras temáticas que emergem da nossa herança cultural. No entanto, nos sensibilizamos com a construção do perfil da mulher nordestina, uma vez que essa identidade é posta em dúvida quando constatamos, por exemplo, que após tantas conquistas, a sociedade ainda apresenta determinada resistência às atividades realizadas por mulheres. Isso demonstra a falta de consciência crítica, fruto da educação que emerge de uma sociedade patriarcal e machista. Em “O tempo em que Dona Eulália foi feliz” temos uma narrativa na qual o enredo se dá a partir da submissão feminina, representada por uma mulher de atitudes tímidas, que com a ausência do marido vai gradativamente se redescobrando como forte, capaz de intervir e decidir por si e pela comunidade, tornando-se temporariamente *mulher-sujeito* de sua história que, ao final do conto, volta a ser a mulher silenciada pelo preconceito. Esse movimento pelo qual o enredo perpassa suscita algumas reflexões acerca da relação estabelecida entre a mulher, o contexto sociocultural do qual faz parte e antes de tudo uma relação consigo mesma.

### **Mulher: da margem para o centro de si**

Em nosso país, a história de emancipação das mulheres é algo recente e conquistado a duras penas. Apesar da Constituição de 1981 já promulgar uma lei que beneficiara a mulher no ambiente de trabalho visando eliminar todo e qualquer tipo de discriminação, a sociedade ainda resistia em fazer valer essa lei, pois a figura masculina (tanto o pai quanto o marido) interferiam no contrato de trabalho da mulher.

Com o passar do tempo, algumas conquistas foram gradativamente sendo estabelecidas, através também do movimento feminista<sup>1</sup> que eclodiu em meados do século XX. Historicamente a mulher vem alcançando seu espaço, embora a sociedade ainda apresente determinados tipos de resistência. Portanto, discorrer sobre o termo mulher é imaginar também inúmeras possibilidades contextuais, históricas e sociais nas quais as mulheres estão inseridas.

É necessário que se entenda aqui a utilização do termo *mulher*, e sua repetição ao longo deste trabalho, sob a ressalva de que não cabe à nossa análise (e nem poderia) tratá-lo partindo de uma definição universal. Definição perigosa, portanto, se compreendermos a observação feita por J. Butler quando afirma: “mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma

prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações.” (BUTLER, 2010, pp. 58-59)

O termo no seu sentido abrangente denotaria uma “identidade comum”, o que é considerado uma problemática, haja vista que o “gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos...” (BUTLER, 2010, p.20). Assim, pensar a identidade da mulher como algo comum que se enquadra numa rotação universal, ou pensar o movimento feminista como pauta principal para esse assunto, é sem dúvida algo muito complexo e que não é objetivo nosso tratar aqui. Embora o movimento feminista muito tenha contribuído para desenvolver uma diferente perspectiva sobre direitos, concepção e emancipação da mulher, compreendemos apenas a discussão contemporânea sobre a representação feminina, na intenção de salientar a nossa preocupação em abstermos uma suposta generalização, pois o estudo realizado através de tal pesquisa independe de uma análise da mulher sob uma ou outra perspectiva política.

Num contexto particular, a ideia de mulher incide partindo de algumas revelações referentes a suas necessidades internas<sup>2</sup>. É fato que tenha conseguido seu espaço em muitas áreas da sociedade, se desenvolvendo num movimento em que passa da margem para o centro, se tornando mulher-sujeito de seu próprio percurso. Todavia, ainda está impregnada em sua bagagem uma carga histórica um tanto grotesca e infelizmente é por causa disso que parte delas ou toda

mulher carrega consigo um sujeito-mulher, visto que a sociedade na qual ela vive, sendo polarizada, faz das mulheres as principais personagens da inferioridade e da dependência. Todavia, a maioria delas vive dentro de quadros sociais largamente interiorizados e que as obrigam a julgar a si mesmas em função dos deveres que elas devem cumprir e dos sentimentos que a sociedade introduz nelas, como tantas normas que devem ser respeitadas e que o são em princípio “naturalmente” (TOURAINÉ, 2006, p. 51)

Esse sujeito-mulher, evidenciado por Touraine, nada mais é que a mulher como produto, implícita ou explicitamente, de uma sujeição social, tornando-se reflexo de situações ocorridas no decorrer de sua história enquanto ser à margem dessa mesma sociedade. Para compreender melhor a relação que aqui se atribui em torno do sujeito (mulher-sujeito e sujeito-mulher), Touraine explica essa tênue significação de que a mulher-sujeito “opõe-se às

---

<sup>2</sup> Cabe compreender aqui que a análise feita neste trabalho abarca apenas algumas questões contemporâneas que se dão a partir das últimas décadas, visto que nos interessa uma reflexão embasada em estudos atuais que pensam a construção da mulher a partir de uma ótica centrada no próprio referencial feminino.

definições herdadas das funções que a ordem social atribui as mulheres, destruindo sua subjetividade”, ao passo que “o sujeito-mulher em particular, luta contra uma dominação que busca destruí-lo.” (TOURAINÉ, 2006, p. 51)

Por muito tempo, a construção da identidade feminina respaldava-se no referencial social masculino, de forma que tudo o que se pretendia ser e viver girava em torno do eixo “homem”. Isso muito dificultou e ainda dificulta a perspectiva de ver a mulher na sua essência<sup>3</sup>, ou seja, desvinculada de um referencial ou uma manifestação comparativa com o homem para ser considerada em si e por si. Na sua pesquisa acerca do comportamento feminino incluso nessa confusão social, Touraine demonstra, com base em entrevistas com algumas mulheres, que

Ser mulher é uma afirmação primeira e , como veremos mais adiante, ela dá mais prioridade ao relacionamento da mulher consigo mesma do que com o outro, isto é com o homem. Sem duvidar diretamente das análises que explicam a experiência e as lutas das mulheres contra o sistema de dominação que se exerce em favor das relações heterossexuais e da dominação masculina, a afirmação de si como mulher significa(...) que elas existem primeiramente por elas mesmas e para elas mesmas. E essa afirmação é mantida mesmo quando elas têm consciência de sua dependência. ( TOURAINÉ,2006, p. 28-29)

Essa perspectiva ou esse novo olhar acerca da mulher nos permite compreender que de alguma forma antes mesmo da relação estabelecida entre aquela, o homem e a sociedade, a mulher se constrói a partir de uma autoafirmação.

Certamente tem sido difícil para alguns de nós, entender como se dá essa auto-definição, pois ao que parece a emancipação feminina (na cultura nordestina) na maioria das vezes foi/é norteadada em torno da dualidade masculino X feminino. Tal representação emite uma imagem muito limitada da atual condição feminina, uma vez que a necessidade de hoje difere dos ideais almejados no século XIX. Hoje as mulheres requerem, portanto, “o direito de desconstruir a si mesmas, e conseqüentemente de não mais serem definidas pelo poder ou pelo desejo do outro, mas por uma autoafirmação existencial”(TOURAINÉ, 2006, p53). Dessa forma, a mulher passa a ser observada a partir do reconhecimento de si enquanto mulher e enquanto ser consciente de suas vontades, desejos e autonomia. Por outro lado, não significa

---

<sup>3</sup> Para uma melhor explicação da utilização do termo *essência* nessa perspectiva, sugerimos a leitura de *O Segundo Sexo*, da autora francesa Simone Beauvoir, que trata da feminilidade dentro do paradigma: o feminino enquanto essência e o feminino enquanto sistema de regras relativas ao comportamento.

que a mulher esteja isenta de quaisquer relações com o mundo ou com o homem, pois enquanto ser social estabelece vínculos com o outro no contexto no qual está inserido.

### **Dona Eulália e o ser mulher no nordeste**

“O tempo em que Dona Eulália foi feliz”, publicado no livro *Vasto Mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende, é um dos dezesseis contos que configuram o que se pode denominar de literatura engajada. Dentre as narrativas contidas no livro, é possível perceber que essa é sem dúvida um convite à reflexão sobre a personagem feminina nordestina na sua condição marginalizada. Percebemos que logo no início da narrativa ela aparece relegada à condição de medo a partir do primeiro parágrafo, quando o narrador anuncia seu comportamento receoso ante o marido:

Assis Tenório acordou às duas da madrugada com uma dor de ferroada no lombo, disse um palavrão dos grossos e deu uma cotovelada para acordar Dona Eulália que dormia encolhidabem no canto da cama para não incomodar. A mulher antes de abrir os olhos, pediu desculpas, sem saber por quê, por via das dúvidas...(REZENDE, 2001, p.115)

No decorrer do conto, Assis Tenório, marido de Dona Eulália, é caracterizado pelo narrador como um deputado coronelista que administra Farinhada (vilarejo nordestino) com ajuda de alguns capangas. A história se desenvolve a partir “dessa dor no lombo” que sente o deputado e que vai aumentando, tomando proporções assustadoras, a ponto de nem “santo nem reza” nem remédio darem fim a doença que se alastrava em forma de feridas e de desespero. Surgindo a preocupação de buscar em “cidades grandes” outros recursos pertinentes à cura, o deputado, na companhia do filho Assisinho e de Adroaldo, o seu fiel capanga, foi internado em João Pessoa, depois em Recife, Brasília, São Paulo, e ao se esgotarem as possibilidades de cura no Brasil, foi tratar-se no exterior. Enquanto o deputado estava ausente, se desenvolvia, em Farinhada, a situação que interessa ao nosso trabalho de análise: a mudança refletida na vida dos moradores daquele vilarejo, de forma que

... a mudança mais espantosa foi a que se deu em Dona Eulália. Pela primeira vez, desde que se casara, longe das vistas do marido, estando ausente também Adroaldo, segunda pessoa dele, Eulália viu-se de repente, dona de tudo, sem ninguém que lhe dissesse o que fazer ou que lhe proibisse qualquer coisa. Não se deu conta de imediato pois o medo e a submissão, o nada ser e o nada poder eram-lhe uma segunda natureza.(REZENDE, 2001, pp.119-120)

Notemos que ao enfatizar “Eulália viu-se de repente, dona de tudo,(...)”, o narrador desconstrói a expressão *Dona Eulália*, que remete à senhora casada, e utiliza o nome próprio da personagem, seguido do termo *dona*, a fim de promover a mulher como “sujeito proprietário” e não mais como um “sujeito propriedade”. Aplicando as teses desenvolvidas por Touraine (2006) à análise do conto, este processo pelo qual a personagem vai saindo da condição do objeto marca o nascimento da mulher a partir da construção de si mesma.

O vilarejo, por sua vez, seguia a vida sob uma verdadeira tensão numa situação política similar a muitas cidades do nosso interior paraibano. As pessoas que estavam sempre subordinadas às ordens de um deputado coronelista e seus capangas, agora experimentavam certo ar de liberdade. Por outro lado, a necessidade de ter alguém que resolvesse e administrasse as situações públicas, emergia fortemente. Há nesse momento da narrativa uma situação antitética ora evidenciada pela alegria da liberdade, ora expressa pelo medo de não saber o que fazer, já que tudo na vila sempre foi comandado pelo deputado. A necessidade de um “governo” que os orientasse e que administrasse o cotidiano da vila é evidenciada na voz do narrador, que de maneira perspicaz promove a seguinte afirmação: “... o costume tem muita força, a liberdade é condição por demais arriscada e aos poucos foram voltando atrás de comando, de providências, de permissões.” (REZENDE, 2001, p.120). Nas primeiras solicitações da comunidade, Dona Eulália agia timidamente e sem saber fazê-lo. Diante de tantos pedidos, a personagem não teve outra saída, sua bondade e força acabaram por determinar uma autoridade que não sabia existir.

Esse momento da narrativa, em especial, gera certa expectativa no leitor, uma vez que se configura como um momento de mudança. É no primeiro dia de “reinado”, que o narrador revela a coragem de Dona Eulália, cujos sentimentos são evidenciados ora pelos termos compaixão, alegria e coração, ora pela exaustão, confusão e medo. O léxico na sua projeção negativa remete sempre à personagem na sua condição de submissão, quando o marido ainda era dono da situação, ao passo que os elementos positivos sinalizam uma nova condição que, embora ainda se apresente como um terreno desconhecido e temido realça a liberdade de poder ser e poder fazer:

Como um milagre, tudo se fez conforme o coração de Dona Eulália,obedeceram-lhe todos, virando-se pelo avesso as vontades do patrão... e o mundo não se acabou. Ao fim do primeiro dia de seu reinado, a mulher do fazendeiro sentia-se exausta e confusa porque seu coração tremia

só de pensar no que acabara de fazer, sem que pudesse decidir se era ainda de medo ou de alegria, coisa difícil de reconhecer para quem fora triste tanto tempo. Teve que rezar muitos rosários aquela noite afinal para adormecer (...). (REZENDE, 2001, p.121)

Mais um aspecto importante é a questão religiosa ligada também à mulher, no caso do termo ‘rosários’ como a representação metafórica e hiperbólica de terços, demonstrando a forma exagerada da necessidade de rezar como se pairasse certa confusão naquilo que fez corretamente e que, no entanto, causava medo. No dia seguinte, lá estava Dona Eulália, na varanda, pronta para resolver tudo que fosse voltado para o bem comum de Farinhada. Uma nova postura se revelara naquela mulher “uma vontade de tudo resolver, ajeitar, melhorar” tudo aquilo que pudesse tornar o povo feliz. Tal postura nos leva a encarar essa nova etapa vivenciada por Dona Eulália como um momento de autoafirmação da personagem, um encontro consigo mesma.

A vila ganhou reconstruções tanto nas reformas das escolas e capelas, quanto na atitude dos capangas. Permitiu que fossem feitos roçados nas próprias terras da fazenda, distribuiu “óculos de ver de perto e óculos de ver de longe”. Mas a sensibilidade da mulher enquanto voz de autoridade naquele momento não foi o que mais repercutiu, pois:

Para a felicidade do povo de Farinhada, mais importante do que as coisas que a mulher do deputado fez foi tudo aquilo que não fez: não aperreou, não achacou, não cobrou, não sujeitou, não humilhou, não ameaçou. E o povo, contente e agradecido trazia-lhe o que tinha de bonito...(REZENDE, 2001,p122)

É imprescindível compreender aqui que todos os verbos no pretérito referem-se a ações provocadas por Assis Tenório. Outro recurso linguístico como a adjetivação é utilizado como elemento que corrobora para reformulação da imagem da mulher na relação passado/futuro: antes aparecia como franzina e triste e agora passa a ser percebida como uma mulher “de faces rosadas, de olhos brilhantes, de riso festivo e gestos largos, com seus dois dedos a mais de estatura”( REZENDE,2001,p.123).

Outro fator que muito nos interessa é a formação da identidade da mulher em torno da referência da figura masculina, pois percebemos a construção dessa personagem vinculada de uma forma ou de outra à figura de seu marido. O imagético é criado de tal forma que projeta na mente do leitor a percepção de Eulália antes (com a presença do marido) e o depois (na

ausência). Tanto é que a maneira como Rezende tece sobre a estatura da personagem nos leva a imaginar que esta andava aparentemente encurvada, ou melhor, de cabeça baixa e que esse ganho de estatura corresponde à “cabeça erguida”.

Paralelamente a esses acontecimentos, Assis Tenório continuava em busca de cura, porém “esgotados os recursos médicos modernos” ele retorna ao Brasil em busca de tratamentos alternativos. A autora se vale da ironia para criar uma verdadeira peregrinação de Assis Tenório na busca incessante da cura. Finalmente, foi no Rio de Janeiro onde encontrou “a encarnação autêntica do próprio Buda” que observando-o chegou à conclusão de que a doença do deputado estava diretamente ligada ao mal que fizera aos outros e , portanto a si mesmo.

Enquanto este parecer estava sendo dado no Rio de Janeiro, em Farinhada, na mesma hora, uma rezadeira chamada Otília comunicava a mesma coisa a Dona Eulália, que por sua vez escreveu ao filho para que avisasse ao pai sobre o que lhe havia ocorrido. Tal coincidência convenceu Tenório, pois

o estado em que se encontrava o deputado, enfraquecido depauperado, desmoralizado, abandonado por eleitores e correligionários que não lhe suportavam o mau cheiro e já não acreditavam que recuperasse o poder(...) bastaram para que ele se entregasse às mãos do filho para levá-lo de volta à fazenda (REZENDE, 2010, p.126).

Ao chegar na vila caracterizado como minguado, definhado, ele pede à Dona Eulália, a quem agora chama de “Lálá”, que faça mais caridade e que faça em nome dele para que finalmente alcance a cura. O tratamento não demorou muito a fazer efeito: um dia pouco tempo depois, o grito de deputado ecoou fortemente ordenando aos seus capangas que desfizessem cercas, que retirassem o gado alheio de sua propriedade.

Este final inesperado da narrativa, sobretudo pela quebra de expectativa dos acontecimentos: Dona Eulália numa posição de prestígio, administrando o vilarejo, surpreende sensivelmente o leitor. Temos a perspectiva de que a mulher nordestina, representada pela sua força e coragem, tem pulso para assumir politicamente a vila e, no entanto é silenciada por uma expressão que eclode preconceituosamente: “Cale a boca Lálá, vá rezar, vá bordar que mulher não sabe de nada, aqui quem manda sou eu.”(p.127). Assim, o narrador conclui que “o curioso é, no entanto, que na memória farinhense aquele tempo não se chama o tempo da peste de Assis Tenório e nem mesmo o tempo em que gozaram liberdade, mas sim o tempo em que Dona Eulália foi feliz.”



Dona Eulália representa, pois, o movimento de uma mulher que passa da margem para o centro das atitudes individuais, sociais e políticas, mas novamente é relegada à margem. O que constatamos no conto em comento é que nesta trama não há a redenção marcante das narrativas tradicionais inscritas sob a pena da literatura feminista. Sendo verossímil ao contexto e à época, o conto de Valéria Rezende mimetiza a situação inferiorizada da mulher frente ao marido na sociedade nordestina: mesmo sendo ela mais competente como administradora da casa e da comunidade, gerindo de modo inovador e democrático a própria vida e a dos seus vizinhos e dependentes, o marido, quando liberto das “dores no lombo”, toma as rédeas da casa e dos negócios e Eulália volta à cozinha e aos bordados. E é justamente nessa ausência de redenção que percebemos o quanto o conto em foco é denunciador de uma condição sofrida da mulher, marcando, como afirmado no início deste artigo, o caráter engajado da produção da autora.

### **Considerações finais**

Nossa pesquisa considerou aspectos constituintes da identidade femininapartindo de um texto literário e de um contexto cultural nordestino particular. O trabalho de análise deste conto nos permitiu uma reflexão sobre presente e passado que se entrecruzam no seio de uma sociedade patriarcal que por sua vez, de forma disfarçada ou não, ainda evoca determinados preconceitos contra a representação feminina. Esse fantasma que outrora se revelara sem escrúpulos, hoje aparece muitas vezes com uma aceitação disfarçada, porém enraizada na nossa cultura de forma tal que expressões como a utilizada no final do conto pelo personagem Assis Tenório, por exemplo, surgem vez por outra.

A forma como se constitui a trama mereceria talvez uma reflexão relacionada justamente a essa relação que abarca passado e presente: diante das conquistas institucionalizadas como o direito de votar, o direito de igualdade conjugal e uma lei que resguarda a integridade física e moral da mulher, diante de todas estas e outras tantas conquistas até que ponto a mulher tem vez e voz em nossa sociedade?

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade; trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

REZENDE, Maria Valéria. O tempo em que Dona Eulália foi feliz. In Vasto Mundo. São Paulo: Beca, 2001.

TOURAINÉ, Alain. O mundo das mulheres. Trad. Francisco Morás. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

ZINANI, Cecil Jeanine A. Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.